

## ***Trilhas Interpretativas e Vivências na Natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem...***

Profa. Dra. Solange T. de Lima Guimarães  
Depto. de Geografia – IGCE/UNESP, Rio Claro

Quando pensamos em trilhas interpretativas e vivências na Natureza, necessitamos ampliar nossos horizontes sobre as possibilidades de percepção e interpretação do meio ambiente, destacando procedimentos criativos e envolventes, considerando a natureza transdisciplinar destas atividades. A mescla de aspectos recreativos e educativos reveste-se de um sentido especial em ambos os casos, ao amalgamar curiosidade, imaginação, variedade de estímulos, heterogeneidade de aspectos paisagísticos, informações temáticas, companheirismo, descobertas e redescobertas associadas à paisagem exterior e a interior.

Em nosso estudo, conceituamos a trilha interpretativa como um trajeto de curta distância (500 até 1.000 metros), onde buscamos otimizar a compreensão das características naturais e/ou construídas e culturais da seqüência paisagística determinada pelo seu traçado (LIMA, 1998), com finalidades ludo-pedagógicas direcionadas a educação ambiental, ou à humanização de terapias, funcionando como fator de integração ou reintegração, de adaptação e de valoração, de tomada de consciência em relação ao meio ambiente. As vivências na Natureza constituíram-se em atividades de sensibilização ambiental, envolvendo multi-estimulação da acuidade perceptiva, cognitiva e afetiva, sendo incluídas ou não durante a realização das trilhas, onde é desenvolvido um processo de educação através de valores, de identificação com a paisagem, onde são enfocados aspectos relativos ao *sentir-se e ser parte*. Envolve atividades cooperativas e anti-estresse, tais como relaxamento, meditação, visualização de paisagens, danças circulares, musicoterapia, atividades de sensibilização ambiental, multi-estimulação da acuidade perceptiva, etc.



*Parque Estadual de Vila Velha, Ponta Grossa/PR. Trilhas Interpretativas: o reencontro da relação Homem/Natureza, o resgate de relações de profunda dependência, de interações esquecidas no cotidiano.*

*Foto: Solange T. de Lima Guimarães.*

### ***Trilhas: rastreando outros rumos, atravessando outros portais...***

Durante o período compreendido pelos meados dos anos setenta até o presente, temos observado o crescente desenvolvimento de atividades e práticas alternativas, complementares, expressivas, tanto na área de educação ambiental quanto da humanização de terapias, tendo em vista a busca de novos caminhos para propiciarmos melhores níveis de qualidade de vida às populações, e também, simultaneamente, induzirmos ao desenvolvimento de uma conscientização sobre como atingi-los, garantindo uma relação integrada à qualidade ambiental, sob uma perspectiva holística.

Deste modo, centros em escala internacional têm desenvolvido programas educativos e/ou terapêuticos de estimulação multi-sensorial, inter e transdisciplinares, destinados a pessoas ou grupos que buscam outros caminhos para a satisfação de suas necessidades, desejos e aspirações relacionadas à qualidade ambiental e à qualidade de vida. Neste cenário, fundamentados nas visões humanistas e ecológicas, despontam centros pioneiros de educação e saúde holísticas, a exemplo da Fundação Findhorn, na Escócia, da Fundação Brahma Kumaris, em seus diversos centros internacionais, do Centro Esalen, na Califórnia, congregando profissionais das mais diversas áreas, somando-se a estes, os centros rurais e urbanos de permacultura, que emergem em diferentes países, em especial na Austrália. Também são organizados institutos e núcleos de ensino, pesquisa e extensão de serviços onde são desenvolvidas atividades conciliando ecologia profunda, ecologia de paisagem, terapias alternativas, medicina holística, ecopsicologia e recreação, a exemplo dos trabalhos com golfinhos realizados pelo Dr. David E. Nathanson, na Flórida (EUA), dos centros de terapia hortícola (Canadá, França, Inglaterra, Argentina, etc), de aquaterapia, de eqüoterapia, de vivências ou encontros na Natureza, e de Trilhas Interpretativas (Benayas del Álamo e equipe, Espanha). No Brasil, a cerca de mais de duas décadas temos os trabalhos de Marlene F. Tabanez, Suzana Pádua, Solange T. de Lima Guimarães, Paulo Fernando Carvalho Junqueira e José Matarezzi.

Desde os primeiros trabalhos, encontramos-nos diante de quatro décadas de pioneirismo e de resultados qualitativos e quantitativos de uma produção alicerçada em outros paradigmas filosóficos e científicos que atestam a eficácia e a contribuição destes programas, justificando a divulgação e a procura crescente por estas atividades em todas as partes do mundo, não somente permitindo visibilidade mas assegurando a validade e excelência dos mesmos, bem como o reconhecimento e apoio de instituições representantes da comunidade internacional, a exemplo da UNESCO.

Com referência ao uso da trilha interpretativa da Natureza como um modo de reintegração e readaptação psicossocial e de educação ambiental temos desenvolvido vários programas especiais, atendendo as seguintes demandas: (1) trilhas para pessoas com necessidades especiais; (2) para deficientes visuais congênitos ou não; (3) para pessoas submetidas a tratamentos psicoterápicos [depressão, recuperação de toxicômanos, autistas, portadores de síndromes que interferem nas capacidades cognitivas e afetivas], ou médicos [por exemplo: dor crônica, câncer, etc]; (4) terceira idade; (5) instituições públicas e particulares; (6) treinamento e capacitação de monitores e educadores ambientais em áreas protegidas; (7) treinamento e capacitação de equipes de qualidade para instituições públicas e particulares [USP; UNICAMP; UNIMED].

A avaliação dos resultados e a análise das discussões sobre estas atividades revelaram informações e dados qualitativos valiosos sob os aspectos da experiência ambiental e sensibilização dos processos cognitivos, perceptivos e afetivos, além de estimularem uma acuidade interpretativa relativa ao entorno, permitindo novas experiências ambientais exploratórias, desestabilização construtiva de bagagens experienciais e dos níveis de conhecimento/informações anteriores, que muitas vezes apresentam incongruências e distorções relacionadas à apreensão das realidades ambientais, influenciando diretamente nas condições de auto-estima e bem-estar dos participantes, além da sensibilização no sentido conservacionista. (LIMA, 1998; GUIMARÃES, 2001). A respeito desta reintegração biológica, psicológica e cultural dos seres humanos com o mundo exterior e as constantes alterações no mundo perceptivo, Dubos (1974:114) afirma que *“em última análise a individualidade emerge progressivamente da maneira pela qual cada pessoa transforma todas as experiências do corpo e do espírito em conhecimento estruturado de tal forma que pode ser usado para posterior desenvolvimento e ação.”*

Deste modo, vemos a trilha interpretativa e as vivências na Natureza como exemplos de atividades formativas e informativas, que provocam novos processos

de adaptação e assimilação relativos ao desenvolvimento de nossas experiências e de um conhecimento estruturado em relação ao meio ambiente, através de reações ativas, respostas criativas, reorganização e associação (união) com outros significados, tornando a percepção e interpretação ambiental mais complexas, ao propiciarem o restabelecimento de um estado de receptividade completa a partir da experiência direta. (DUBOS, 1974)

Estas atividades devem ser fundamentadas em técnicas que proporcionem um experienciar direto, imediato, estimulado pela compreensão do *vivido*, possibilitando a ressignificação de contextos e conteúdos e as transformações do significado de experiências ambientais anteriores, alterando nossas reações, atitudes e condutas respectivas à valoração do meio ambiente e do ser humano. (LIMA, 1998). Ao percorrermos uma trilha interpretativa ou experienciarmos uma vivência, descobrimos nossas limitações e possibilidades, mas também *“descobrimos relações de coincidências e de complementaridades solidárias entre e com outros grupos humanos: aprendemos a perceber, experienciar e a interpretar realidades da realidade, vivenciar paisagens na paisagem.”* (GUIMARÃES, 2003: 49). Estas experiências nos propiciam várias leituras de uma mesma realidade ambiental considerando a análise e a interpretação das diversas dimensões paisagísticas, onde temos ainda a identificação de níveis de percepção ambiental, tanto individuais quanto coletivos, a determinarem a gênese de imagens, representações, atitudes, atributos e valores relacionados à paisagem e aos seus lugares. (LIMA, 1998).

A experiência ambiental imediata possibilitada por meio da trilha interpretativa ou de uma vivência na Natureza, torna-se deste modo, chave para o conhecimento do entorno, levando à compreensão e apreensão da paisagem enquanto *mundo vivido* (BUTTIMER, 1985/a), onde traçamos nossas trilhas interiores e exteriores, construídas, destruídas e reconstruídas, conhecidas e reconhecidas, interpretadas e reinterpretadas, através de cada novo experienciar, mediante percepções decorrentes e sucessivas, complementares ou não, refletidas nas transformações

de atitudes e condutas concernentes ao meio ambiente, considerados todos os seus domínios, desde a biosfera, noosfera até a psicosfera. (LIMA, 1998).

Ao considerarmos estes enfoques, estas atividades tornam-se uma experiência de possibilidades de movimentos externos e internos, de explorações objetivas e subjetivas, de sensações e experiências cognitivas e afetivas suficientemente capazes de proporcionar a busca de novas situações onde respeito à Natureza, a si e ao outro, com a observância de valores relativos à cooperação, companheirismo, solitudes, limitações e especialidades, disposição proativa, convivência com as diferenças pessoais, constituem-se em marcas e exercícios constantes durante todas as séries de atividades ao longo de seu percurso.

Para tanto é necessário criarmos percursos e atalhos, estabelecermos itinerários, marcarmos pontos de referências, visando uma trilha que através da percepção e da interpretação, sensibilize-nos a respeito da multiplicidade de aspectos que podemos experienciar no cotidiano, concernentes a outras realidades ambientais, além daquelas conhecidas e vivenciadas por nós, mapeando assim diversas convivências e trânsitos interativos entre dimensões e códigos culturais, impregnados de memórias, estimulados pela riqueza existente na pluralidade das percepções e interpretações humanas e na heterogeneidade de suas paisagens exteriores e interiores.

A exploração e a descoberta de novas interações e interrelações ecológicas e psicológicas durante o percurso de uma trilha tanto em ambientes naturais como construídos através da interpretação, envolve as formas de conhecê-los através de sensações, informações, narrativas, evocações, usos, significados, associações. Conhecimento e re-conhecimento de uma paisagem — aprendizados, descobertas, aventuras, lições de vida, reflexões, imagéticas, memoriais. Imersão e integração da paisagem das exterioridades às paisagens interiorizadas: estímulos sensíveis intrínsecos a uma experiência ambiental direta, profunda, intensa, e, portanto, de significados e significâncias relevantes no contexto de nossas histórias de vida. (LIMA, 1998).

Sob estes olhares, os objetivos de uma trilha podem ser desdobrados em vários pontos relacionados à experiência, percepção e interpretação ambiental, mas o objetivo principal de toda ela, é o resgate do significado e do valor da interação *Pessoa/Paisagem*, pois somente assim podemos entender os valores relacionados à proteção e sensibilização ambiental. Na realidade, a experiência de uma trilha ou de uma vivência é impossível de ser restringida aos conteúdos técnicos e científicos referentes aos ecossistemas envolvidos, visto que:

*é sempre puro encantamento: uma lição de sabedoria, se assim explorada, onde ao mesmo tempo em que descobrimos e reconhecemos novos aspectos ou as minúcias dos detalhes concernentes à paisagem externa, nos encontramos ainda, perplexos diante das revelações relacionadas às nossas paisagens internas: interpretações topofilicas ou topofóbicas na visão de TUAN (1974; 1979); interpretação de imagens e cenários, sentimentos e emoções. (LIMA, 1998)*

Em relação às experiências ambientais vivenciadas durante o percurso de uma trilha interpretativa, entendemos que ao ser considerada como um valioso subsídio para diversas atividades ludo-educativas e cooperativas, principalmente entre aquelas voltadas para a busca de melhores índices de bem-estar e programas de qualidade de vida, somente podemos valorizá-las como *educativas* e *vivenciais* a medida em que estejam vinculadas a uma visão ecológica onde o sentimento de *ser parte* seja priorizado. Sobre esta perspectiva, o ecologista John Seeds (s/d) tece a seguinte reflexão:

*em vez de ver o mundo como uma pirâmide com os seres humanos lá no topo, passamos a conceber o mundo como uma teia onde a vida está no centro. Os humanos são como um fio nesta teia. Somente somos uma folha na árvore da vida, uma entre as 10 milhões de espécies que habitam esta Terra (...) quando pensamos no ambiente, pensamos em algo exterior, não nos damos conta que quando poluímos as águas, estamos também poluindo nosso sangue (...). Se tivermos a experiência de ser parte do corpo maior da Terra, então a defesa da Natureza, já não é altruísmo. Converte-se em autodefesa.*

Visão esta capaz de precipitar e catalisar ações e reações, gerando novos paradigmas, estabelecendo novos padrões e melhorando os níveis de aprendizagem, re(criando) sistemas representacionais que permitam a recepção de informações e a interpretação das mesmas em outro nível, considerando a descrição da realidade e dos filtros perceptivos (O'CONNOR & SEYMOUR, 1995: 90 -100), exercendo a ética, estabelecendo direitos e deveres referentes às nossas responsabilidades relacionadas a proteção ambiental.

De certa forma, a percepção da paisagem em uma trilha de interpretação é apenas uma breve amostragem de seqüências, processos, estruturas, sinergias, e dinâmicas ambientais, porém, as experiências envolvidas traduzem vivências que propiciam uma compreensão mais profunda de nossas próprias percepções e interpretações ambientais, diante de tantos e tão diferenciados ecossistemas naturais e construídos, bem como de dimensões objetivas e subjetivas, relacionadas aos sentimentos de biofilia, topofilia e topofobia. (BACHELARD, 1993; TUAN, 1974; WILSON & KELLERT, 1993).

Ao analisarmos os vários aspectos que se interrelacionam, Lima (1998) considera que *“trilhas interpretativas são como espelhos posicionados estrategicamente para refletirem a paisagem interior na exterior”,* sendo *“caminhos que nos levam a experimentar as paisagens sob outros contextos, conjunturas, despertando novas concepções: percepção e vivência cambiantes”.* Deste modo, a trilha permite a revelação de muitos dos significados atribuídos ao meio ambiente, sob uma forma de descobertas através de experiências imediatas, diretas, “dérmicas”, em razão do desenvolvimento de uma compreensão versátil do entorno, muito além das descrições de conexões causais, onde podemos identificar integralidades e contemplar a paisagem sob uma visão especial, com um novo pensamento/sentimento sobre as realidades ambientais percebidas, sejam circundantes ou não, mas sempre interligadas pelos próprios ritmos, cadências e fluxos inerentes à paisagem vivida.

Em relação à dimensão experiencial do aprendizado através da trilha interpretativa, Gratão (2002) lembra que para Tuan (1983: 9-11), isto é traduzido como “a capacidade de aprender a partir da própria vivência (...) *Experienciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele*”. A autora também afirma que “a experiência vivida de uma trilha é impossível de ser restringida aos conteúdos disciplinares”, dada a sua natureza de transdisciplinaridade, o que proporciona a integração de diferentes campos do conhecimento, sendo assim uma legítima experiência de transversalidade ao promover múltiplas atividades, propostas de trabalhos e experiências compartilhadas.

Em relação aos programas educativos que têm a interpretação paisagística como recurso didático, podemos observar que a paisagem apresenta estímulos inesgotáveis que podem ser explorados de múltiplas formas, segundo técnicas e procedimentos metodológicos que não somente priorizem ou sejam restritos aos aspectos relacionados à gestão e proteção ambiental, mas que enfatizem ainda a sensibilização de percepções, interpretações e representações respectivas à qualidade ambiental das paisagens cotidianas. Alberro & Álamo (1994:79), consideram que aprender através da paisagem “*implica completar el aprendizaje de la lectura de los símbolos y procesos paisajísticos con el descubrimiento de los valores afectivos que éstos entrañan. De esta forma podrán modificarse con mayor eficacia las actitudes e interacciones que la sociedad occidental mantiene hacia su entorno próximo.*”

Assim, podemos entender a trilha interpretativa como um diálogo sobre o apreender o dinamismo de mundo vivido, fundamentado na reflexão de Buttimer (1985/a:168-185), que sob uma perspectiva geográfica fenomenológica, considera-o “*substrato latente da experiência*”, apresentando:

- 1- *idéia corpo/sujeito*, onde são destacadas as relações diretas entre o corpo humano e seu mundo; a integridade da experiência;

- 2- *idéia da intersubjetividade*, ou seja, a busca da construção de um diálogo entre a pessoa e o meio ambiente, destacando-se os *aspectos relacionados à herança sócio-cultural e o papel assumido no mundo vivido de cada dia*;
- 3- *a idéia dos ritmos têmporo-espaciais, uma perspectiva que pode levar a compreensão da integridade dinâmica da experiência diária de mundo vivido.*

Tecendo uma reflexão sobre as experiências ambientais vivenciadas durante o percurso de uma trilha no contexto de práticas de Educação Ambiental e de Vivências na Natureza, podemos considerar que estas mesmas experiências, relacionando as formas de perceber e interpretar as paisagens do nosso entorno, são modos sensíveis de apreensão de conteúdos educativos (ou re-educativos) formais e informais. Trata-se, portanto, de transpormos as fronteiras de um modo de transmitirmos conhecimentos embasados em racionalidades cartesianas tradicionais, que caracterizam ainda muito fortemente muitas das práticas em Educação Ambiental, representando uma restrição, uma limitação de horizontes, de saberes, de possibilidades de intercâmbios, partilhas e aprendizados vivenciais difíceis de serem esquecidos.

As trilhas e vivências devem ser como portais para aprendizados criativos e afetivos, onde a experiência ambiental relacionada a uma reflexão holística propicie descobertas que revelem caminhos de sensibilidades, da imaginação, da espiritualidade, conduzindo às vivências da paisagem mediante a recuperação e revitalização de valores e sabedorias tradicionais, do resgate de imagens simbólicas, míticas, refletidos nas percepções, interpretações e representações da paisagem, tanto na dimensão coletiva quanto individual.

Sobretudo, devem nos conduzir a profundas reflexões sobre nossos mundos vividos, alargando nossos horizontes perceptivos e interpretativos, de forma a desvendarem uma ética a respeito das relações de alteridade, da conservação e segurança ambiental, dos sentimentos de enraizamento, dos centros das identificações paisagísticas, de modo que as pessoas e suas paisagens (isto é, o

seu meio ambiente) sejam valorizadas e respeitadas em sua própria integridade, e na de sua herança cultural e ecológica.

Nesta visão, a trilha interpretativa e as vivências na Natureza poderiam ser percebidas e interpretadas como repositórios de experiências vividas que imprimem sentido para a própria Vida porque permitem vislumbres de lugares, “*centros de significados e intenções*” (RELPH, 1976), paisagens-cenários de nossas vivências, onde aprendemos a criar e a recriar novas possibilidades para (e sobre) nossas realidades exteriores e interiores, incitando-nos a prosseguir o seu percurso, a decifrar os seus signos, a elaborar seus símbolos, conduzindo-nos a uma viagem singular ao encontro de nós próprios e do outro.

Com base no exposto e nas experiências desenvolvidas durante os últimos quinze anos em atividades profissionais interdisciplinares, podemos afirmar que as atividades de sensibilização, percepção e interpretação ambiental, a exemplo das trilhas interpretativas e das vivências na Natureza, ao considerarmos os aspectos relatados, contribuem de modo relevante no sentido de subsidiarem estudos e pesquisas no campo da percepção da qualidade ambiental e de vida. Durante a elaboração e a realização de programas de interpretação ambiental, com especial referência às trilhas e às vivências, devemos favorecer a apreensão dos possíveis significados e significâncias relativos aos conceitos de “*qualidade ambiental*” e de “*qualidade de vida*” para os diferentes segmentos de público-alvo, para não sermos induzidos (ou seduzidos) a criarmos restrições ou até então provocarmos distorções em relação à compreensão e assimilação dos mesmos.

Neste sentido, os trabalhos de Trilhas Interpretativas e de Vivências na Natureza, considerados como formas de experienciar o meio ambiente, onde buscamos o resgate da relação Pessoa/Natureza e os benefícios que nela podemos encontrar, visando a recuperação de padrões mais aceitáveis e desejados de qualidade ambiental e de qualidade de vida, propiciam condições para uma observação mais consciente e flexível, diante dos múltiplos detalhes encontrados na

experiência vivida, em razão das várias circunstâncias observadas, gerando transformações, retrações e expansões – construções e desconstruções no processo da apreensão das realidades ambientais, em seus contextos mais exteriores ou interiorizados, em simultaneidades e reciprocidades.

***Entre trilhas e pausa interpretativas (ou como não chegar ao fim desta trilha)...***

*“Às vezes, tudo o que é preciso é a percepção das múltiplas possibilidades” - Rachel N. Remen, 1998:88*

Desta forma, podemos considerar que em relação aos programas de Educação Ambiental, observamos a necessidade emergencial de projetos tanto por parte da iniciativa pública quanto particular, voluntária ou não, que visem a capacitação e o treinamento adequado de monitores e educadores ambientais, considerando-se que somente intenções de boa vontade, desprovidas de conhecimento técnico, treinamento e capacitação profissional, podem até mesmo contribuir para piorar situações relacionadas ao ensino da Educação Ambiental formal e informal, e à execução de atividades correlacionadas, tais como a elaboração de projetos conservacionistas integrados, mediante a transmissão de conceitos errôneos, distorcidos, descontextualizados, fato que contribui muito negativamente em se tratando de sensibilizarmos as comunidades para a percepção e interpretação ambiental de seus entornos.

Ao analisarmos as preferências paisagísticas podemos vislumbrar caminhos no sentido da implementação e implantação de programas continuados de educação e conscientização, que apresentem níveis de informação progressivos no sentido da assimilação e estabilização de conhecimentos sobre as realidades ambientais, marcados por uma evolução seqüencial da incorporação de novas atitudes e condutas individuais e coletivas, reforçando os objetivos já alcançados através do desenvolvimento destas atividades de sensibilização.

Com referência a subsidiar programas de humanização de terapias, tanto as trilhas quanto às vivências funcionam como complementos capazes de alterar estados físicos e psicológicos, não só porque oferecem uma gama imensa de estímulos multi-sensoriais, mas também porque propiciam um experienciar imediato que envolve meio ambiente e pessoas, isto é um processo de socialização que leva ao reencontro das sensibilidades da Natureza e à identificação do sentido de pertinência em relação ao próprio grupo de trabalhos de forma cooperativa e integradora, estando correlacionado aos princípios da Ecologia Profunda, sob os domínios da qualidade da psicosfera (BATESON, 1985; GUATTARI, 1990; MORAIS, 1993).

Ao longo destes anos, presenciamos durante as trilhas e vivências, demonstrações de afetividade, solidariedade e de interesse entre pessoas com diferentes tipos de problemas (depressão grave, doenças crônicas e/ou letais), além das descobertas sensoriais pelos deficientes visuais congênitos ao apreenderem um mundo vivido através de novas experiências ambientais. Paracelso, há séculos atrás, já reforçava a idéia curadora da Natureza, e por meio das trilhas e vivências podemos induzir a estados emocionais, capazes de gerar novas disposições proativas, mesmo em caminhos que possivelmente são tenham volta no atual estágio científico no qual nos encontramos, através da aceitação e da ressignificação de realidades exteriores e interiores, na busca de outros vislumbres e de outras dimensões de qualidade de vida para estas pessoas. Morais (1993: 101), fundamentado em Humberto Maturana (1992), ao abordar aspectos concernentes às relações de alteridade e reciprocidades entre pessoas e meio ambiente, e as dimensões da Ecologia e, em especial, da ecologia da mente, afirma que: *“O necessário, pois, não é que destruamos o mundo que temos, para construirmos um outro ideal; mas apenas entendermos que só teremos de fato o nosso mundo com os outros, e que a razão só atinge seu real valor se mobilizada pelo desejo da convivência.*



*Trilha Interpretativa: Represa do Lobo, Estação Experimental de Itirapina, Instituto Florestal de São Paulo: educação ambiental sensibilizando através da paisagem  
Foto: Solange T. de Lima Guimarães..*

Assim, podemos afirmar que as atividades de Percepção e Interpretação Ambiental devem ser desenvolvidas, mobilizadas a partir do desejo de reeducarmo-nos tendo em vista horizontes de melhor qualidade ambiental e de vida, expandindo nossas ações e compreensão a respeito do meio ambiente e dos outros, propiciando não somente as mudanças condutuais, mas principalmente as mudanças emocionais, ou seja, que tenhamos a compreensão de qual *“emoção fundamentalmente mobilizadora”* está presente na construção ou destruição de nossas paisagens, de nossos lugares, raízes e territórios. Desta forma, teremos condições de *“mudar aquilo que de fato podemos mudar”*, entre a experiência e a esperança, considerando-se o papel da Educação Ambiental, pois *“ante as urgências da terceira ecologia (a ecologia da mente), a educação pode assumir as suas responsabilidades.”* (MORAIS, 1993:98; 72-76). Uma educação sobre

aprendizados significativos e vivenciais, ou seja, uma educação sobre valores para se viver. (ROGERS, S/D; BARYLKO, 1999; WAISMAN & SHOCRON, 2001)

### **Referências:**

ALBERO, C.M. y ÁLAMO, J.B. del. *Aprendiendo a través del paisaje*, In: ÁLAMO, J.B. del et al. **Viviendo el Paisaje – guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje**. Madrid: Fundación NatWest, 1994, pp.79-96.

BARYLKO, Jaime. **Educación en Valores**. Buenos aires: Ameghino, 1999.

BATESON, Gregory. **Pasos hacia una ecología de la mente**. Buenos aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1985.

BUTTNER, A. *Apredendo o Dinamismo do Mundo Vivido*, Christofletti, Antonio, **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985/a, pp. 165-193.

DUBOS, R. **Um Animal Tão Humano**. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1974.

GRATÃO, Lucia H.B. **A Poética d'”O Rio” – Araguaia! De Cheias...&...Vazantes...(À) Luz da Imaginação!**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2002.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUIMARÃES, S.T.L. *Percepção e Interpretação Ambiental: reflexões a respeito da construção do sentido de lugar e das experiências de topofilia e topofobia*. International Geographical Union – Commission on the Cultural Approach in Geography, Rio de Janeiro Conference, **Historical Dimensions of the Relationship Between Space and Culture**, 10-12 junho/2003, (publicação em CD-rom, S12: *Espaços de Identidade e de Medo*).

GUIMARÃES, S.T.L. *Percepción ambiental: un camino para conocer y reconstruir el paisaje vivido*, In: WAISMAN, Laura y SHOCRON, Mónica. **EducarNos: nuevas propuestas para la educación y la convivencia**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001, pp.184-190.

GUIMARÃES, Solange T. de L. *Dimensões da Percepção e Interpretação do Meio Ambiente: vislumbres e sensibilidades das vivências na natureza*, **Percepção e Conservação Ambiental: a interdisciplinaridade no estudo da paisagem /**

OLAM – Ciência & Tecnologia. Rio Claro: Aleph Engenharia & Consultoria Ambiental Ltda., vol.4, n. 1, abril/2004, pp. 46-64.

LIMA, Solange T. *Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem*, **Cadernos Paisagem.Paisagens 3**, Rio Claro, UNESP, n.3, pp.39-44, maio/1998a.

MATURANA, Humberto R. **El Sentido de lo Humano**. Santiago: Hachette, 1992.

MORAIS, Regis de. **Ecologia da Mente**. Campinas: Editorial Psy, 1993.

O'CONNOR, J. & SEYMOUR, J. **Introdução à Programação Neurolingüística**. São Paulo: SUMMUS, 1995.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

REMEN, Rachel Naomi. **Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão**. São Paulo: Ágora, 1998.

ROGERS, Carl. **Libertad Y Creatividad en la Educación**. Ed. Piados, s/d.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values**. New York: Prentice-Hall, 1974.

WAISMAN, Laura y SHOCRON, Mónica. **Educarnos: nuevas propuestas para la educación y la convivencia**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001.

WILSON, E. O. & KELLERT, S.R. (eds). **The Biophilia Hypothesis**.  
Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.

---

***Agradecimentos Especiais: FUNDUNESP – Fundação para o  
Desenvolvimento da UNESP, São Paulo.***

---

**Contatos:** telefax: 019 3524 7156 - 3526 2244 [unesp]

e.mail: [hadra@uol.com.br](mailto:hadra@uol.com.br)